



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Christina Maria Barbosa Iuppen Pantaleão

**"Paulo Freire pra mim é verbo": as muitas pedagogias de Tião Rocha
e o trabalho pedagógico do
Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento**

MONOGRAFIA

**Rio de Janeiro
2021**

Christina Maria Barbosa Iuppen Pantaleão

"Paulo Freire pra mim é verbo":
as muitas pedagogias de Tião Rocha
e o trabalho pedagógico do
Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

Monografia submetida à Faculdade
de Educação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro como
requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador
Professor Doutor Reuber Gerbassi Scofano

Rio de Janeiro
2021

Agradecimentos

A meu querido orientador, o Professor Doutor Reuber Gerbassi Scofano, que me transmitiu segurança desde o primeiro momento, com sua sábia tolerância para com os problemas que enfrentei no período, e cuja dedicação e raro conhecimento sobre meu objeto me trouxe alento e serenidade.

A minha preciosa terapeuta, Celina da Matta, que me ergueu e suportou com sua carinhosa confiança e orientou a acreditar, estando a meu lado nos momentos mais candentes desta travessia. Sem ela não teria sido possível chegar até aqui.

Ao querido Tião Rocha, por todo o seu trabalho de educar e dignificar meu povo, e que deixou seus muitos cuidados durante a pandemia de Covid-19 para me conceder uma entrevista que viabilizasse este trabalho.

A minha irmã Eide, que não apenas me inspirou para eleger o tema apaixonante como estive por todo o processo num apoio multifacético, irrestrito e capital, em intermináveis discussões carinhosas ou nem tanto.

A meu sobrinho Fidel Samora, o Tito, que nunca tinha “a mínima ideia de como fazer isso”, mas sempre gastou seus melhores resmungos para solucionar meus problemas técnicos ou estéticos.

À Coordenação de Pedagogia, nas pessoas das professoras Doutora Adriana Salgado e Doutora Rita Silva, que me conduziram com tranquilidade pelos caminhos estranhos e inóspitos de uma pandemia durante este curso.

À querida Professora Doutora Jussara Paschoalino, que me mostrou um caminho de saída de um labirinto burocrático, resgatando meu trajeto acadêmico.

A minha querida colega e amiga Dulce Bezerra, que me trouxe afeto e apoio inestimáveis nesta jornada.

A minha querida amiga e companheira de militância Claudilea Pinto, que trouxe eficiência e humor para me resgatar dos infopântanos em que me embrenhei.

A meu amado labralata Dogue, que me acompanhou fielmente durante os serões criativos e angustiantes, enchendo meus documentos de pelos e aportando seu carinho e sua presença querida.

A todos que lutaram para instituir o sistema de cotas na Universidade pública, proporcionando a mim, não cotista, o encontro com pessoas as mais diversas e enriquecedoras nesta trajetória pessoal.

À amada e indelével memória de meus pais, eternamente presentes.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a educação popular de corte freireano e traz como objetivo oferecer uma colaboração aos estudos sobre educação popular conforme praticada pelo antropólogo, folclorista e educador Sebastião Rocha, o Tião Rocha, como faz questão de ser chamado. Visa ainda explicar como o educador traduz na prática sua afirmação de que Paulo Freire é um verbo e sugere as bases geradoras originadas em experiências pessoais do antropólogo para que tenha optado pelo tipo de educação que abraça ao longo de sua vida adulta. Relata a criação do CPCD - Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, instituição de aprendizagem que ancora algumas das ações pedagógicas de cunho social que o educador e sua equipe impulsionam no interior do país. Em seguida, o trabalho avança para relatar a formulação de pedagogias próprias de Tião Rocha, como as da roda, do abraço, do brinquedo, do sabão, do copo cheio e outras, além de conceitos como os Tics e Tacs. A metodologia escolhida é qualitativa, abordando uma história de vida no que essa abordagem permite foco exclusivo num determinado período ou fato ligado ao objeto, sem constituir uma biografia. Para esta realização foram feitos estudos de publicações do autor e do CPCD, analisadas entrevistas a diversos órgãos de imprensa, além de realizada e analisada uma entrevista concedida por Tião Rocha, a partir de seu refúgio no Vale do Jequitinhonha, onde se abriga e de onde segue seu trabalho ao longo da pandemia de Covid-19 – entrevista concedida à autora exclusivamente para esta monografia. Finalmente conclui-se, pela observação e análise do elenco de projetos e pedagogias desenvolvidos, assim como pelas entrevistas concedidas e pelo diálogo direto com a autora, observadas ainda as considerações de distintos autores, que o educador incorpora plenamente a práxis freireana em sua atuação pedagógica e social, numa relação dialógica, inclusiva e horizontalizante.

Palavras-chave: Educação popular. Pedagogias, "Empodimento".

Meu nome é Tião.

Sebastião é apelido.

Ninguém me chama pelo apelido.

Antropólogo por formação,

educador por opção política,

folclorista por necessidade,

mineiro por sorte

e atleticano por sina.



Índice

INTRODUÇÃO	8
Justificativa	10
Apresentando Tião	12
De TICs e TACs, a educação e a sobrevivência segundo Tião	13
DE EXPERIÊNCIAS GERADORAS	14
No princípio de tudo, uma ascendência nobre: a tia rainha	14
Álvaro, que virou semente e germina na pedagogia revolucionária de Tião.....	15
SURGE O CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO.....	17
Dos muitos projetos e realizações do CPCD	20
Alguns dos projetos desenvolvidos pelo Centro	21
AS PEDAGOGIAS DE TIÃO ROCHA	31
A pedagogia da roda	32
A pedagogia do abraço	34
A pedagogia do sabão	37
A pedagogia do brinquedo	40
A pedagogia do copo cheio	41
E AGORA, TIÃO?	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
Ensinar - Rubem Alves.....	50
Referências bibliográficas	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo oferecer uma colaboração aos estudos sobre educação popular sob a ótica freireana, em especial neste Centenário do Patrono da Educação Brasileira, abordando uma experiência que nos parece ainda pouco divulgada de práticas educativas.

Trataremos aqui das pedagogias e ações sociais criadas e desenvolvidas pelo antropólogo, folclorista e educador Sebastião Rocha, que prefere ser chamado Tião Rocha, através do CPCD – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, uma instituição de aprendizagem que criou para dedicar-se plenamente à educação, junto a sua equipe.

Elegemos realizar, para tanto, uma pesquisa de metodologia qualitativa, abordando uma história de vida - no que essa abordagem permite foco exclusivo num determinado período ou fato ligado ao objeto, não constituindo uma biografia.

Ferrazza e Antonello (2017), com efeito, defendem que

“(...) Assim, o presente artigo tem como objetivo demonstrar as possibilidades da abordagem da história de vida como uma estratégia metodológica que pode favorecer o estudo de processos de aprendizagem (...) e os estudos baseados em prática. Embora cada história de vida traga em suas narrativas um olhar individual, a vida humana é repleta de outras conexões e carregada de diversas informações sobre a sociedade em que o sujeito está inserido. Desta forma, a abordagem de história de vida permite levar o escopo de estudo de processos de aprendizagem do âmbito individual para o social, possibilitando não só a compreensão da construção dos aprendizados pelo indivíduo, mas suas relações com o campo organizacional e seu contexto macro”. (Ferrazza e Antonello, 2017 pág. 23)

Isto porque, bem mais do que falar de uma trajetória particular que envolvesse dados pessoais, matrimônio, filhos, ancestrais, linhas de tempo, o interesse de nossa pesquisa se voltou principalmente para o Tião educador freireano, que aprofundou as práticas da educação ancorado na filosofia de Freire, estendendo-a, como competência, para o campo social e nomeando uma série de pedagogias enquanto tecnologias de educação, alfabetização e ação social.

O objetivo, no geral, é lançar luz sobre uma prática que parece de grande valor e considerável interesse para a educação popular brasileira, com todos os óbices que a caracterizam, na situação socioeconômica que marca nossa conjuntura, que se desenrola ao nosso tempo e em nosso país, mas que tem, paradoxalmente, permanecido restrita, em termos de divulgação, a uns poucos nichos regionais. Tentamos compreender como essas práticas de Tião o inserem na chancela de educador popular de corte freireano e refletir sobre a relevância dessas mesmas práticas na educação em nossos dias.

No específico, visamos expor e estabelecer a importância dessas práticas para os educandos atingidos pelo CPCD, chegando assim a compreender a importância desses fazeres pedagógicos.

Trabalhamos, portanto, sobre as bases de uma metodologia de abordagem qualitativa, utilizando a triangulação como técnica: revisão bibliográfica e documental das informações prestadas e registradas pelo Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento; análise de entrevistas concedidas à mídia em geral e análise da entrevista que nos concedeu, em janeiro de 2021, especificamente para esta pesquisa.

Vale dizer ainda que escolhemos deliberadamente uma linguagem coloquial para a realização do trabalho. De um lado, porque nos parece a

única forma coerente com o tema, que trata da educação popular, sob a ótica freireana, nas práticas do educador Tião Rocha. De outro, sob a influência do texto marcante do filósofo e professor Jorge Larrosa Bondía e do que pudemos interpretar, para este caso, de sua explanação:

“(...)Para que a leitura se resolva em formação é necessário que haja uma relação íntima entre o texto e a subjetividade. E se poderia pensar essa relação como uma experiência, ainda que entendendo experiência de um modo particular. A experiência seria aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa”. (Larrosa, 2011, págs,12/13)

Justificativa

Em que pesem os significativos avanços ocorridos desde os anos iniciais deste século até aproximadamente 2016, a Educação é ainda um flanco aberto nos indicadores de desenvolvimento das populações brasileiras.

Malgrado ser Paulo Freire um educador progressista cuja filosofia o aproximava do marxismo, conforme ele próprio assume em vídeo gravado para a USP (2007), e a despeito de a maior parte de sua produção intelectual estar voltada para a educação das camadas populares, é forçoso admitir que, até onde se pode verificar, ainda hoje são as escolas elitizadas, privadas, com raras e honrosas exceções, que incluem em seu projeto político pedagógico filosofias educacionais como a freireana, ou mesmo alguma outra que apresente cunho menos tradicional.

Aos filhos das grandes massas trabalhadoras, nos grandes centros urbanos ou nos interiores, em geral, estão reservadas, e cada vez mais, as mesmas salas fechadas, os mesmos olhares sobre as nuças, os mesmos quadros, tacos de giz, rotinas, autoridade e aprendizagem

verticalizadas, homogeneizantes, esterilizando subjetividades, ambições, sonhos e talentos.

Isto quando não se louvam, mesmo nas famosas escolas elitizadas, bem mais a carga e o esforço de uma aquisição bancária de conhecimento, em vez de uma construção criativa desse conhecimento, assentada sobre a base dos saberes trazidos à escola pelos próprios aprendentes.

E não precisa ser assim.

A escola - ou as muitas escolas - de Tião Rocha operacionaliza, na prática, o otimismo da vontade gramsciano (Della Santa, 2015, pág.3) como inspiração primeira para a formulação de movimentos de cultura popular, subjetividades e afetos enquanto forma de educação e resistência de classe para as camadas populares atingidas. Parece ser, antes de tudo, um pensamento educacional socialmente inclusivo.

Até onde podemos ver, e entendendo isto como nossa motivação pessoal, refletir e discutir Tião Rocha e suas concepções e práticas em Educação torna-se de extrema relevância e mais atual do que nunca nesses tempos de luta por manter a lucidez do fazer pedagógico por sobre os efeitos de um golpe de Estado e numa resistência das consciências livres da Pedagogia contra a imposição da treva educacional, na figura, entre outras, do aparentemente inativado projeto Escola sem Partido.

Significativamente, comemoramos este ano o Centenário de Paulo Freire. Não são poucas as homenagens rendidas ao fabuloso educador, de resto o autor brasileiro mais celebrado e lido mundialmente.

Isto embora possamos considerar que, fossem outras as condições sociopolíticas do país e maior a relevância que se prestasse à Educação, seriam ainda pequenas tais homenagens.

Dentre os milhares de educadores que em qualquer tempo se dedicam ou dedicaram à práxis freireana, esta pesquisa volta-se para um, em particular, pouco conhecido - a nosso ver - nos meios acadêmicos atuais: Sebastião Rocha, ou Tião Rocha, como se faz conhecer e chamar.

Apresentando Tião

Antropólogo, folclorista, pesquisador, educador e educador, o mineiro Sebastião Rocha é graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais, e lecionou por muitos anos na Universidade Federal de Ouro Preto.

Instado por uma série de motivos pessoais e por novas concepções de educação que tentaremos conhecer e compreender ao longo desta pesquisa, retirou-se da Academia, onde exercia a docência, para fundar o CPCD - Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, em 1984, em Belo Horizonte, voltado para a educação popular num cenário de ação social.

Seu trabalho é de confessa inspiração freireana, desenvolvida, num primeiro momento, junto a populações carentes do interior do país.

O interesse pelas populações interioranas, oriundo, talvez, de um tripé baseado em sua origem nas camadas mais populares de Minas, sua graduação como antropólogo e sua formação de corte inegavelmente marxista, galgou outros espaços, tendo-se expandido por várias cidades mineiras, paulistas, maranhenses, e atingido Moçambique e Guiné Bissau, na África.

O trabalho desenvolvido pelo CPCD granjeou aos distintos projetos que abarca, e a Tião, uma série de prêmios a nível nacional e internacional, como da Fundação Abrinq e da Unicef, entre 1985 e 1998 (Portal CPCD, Prêmios e Destaques).

Tião Rocha, entre diversos títulos e premiações, foi eleito em 2001 como um dos 20 líderes sociais do Brasil, e o CPCD foi reconhecido pelo MEC, em 2016,

como um instituto de referência para inovação e criatividade na Educação Básica no Brasil.

De TICs e TACs, a educação e a sobrevivência segundo Tião

Para introduzir um pouco do pensamento de Rocha, vale começar a afirmar que, segundo o antropólogo, se a escola foi, no passado, acusada de ser um instrumento ideológico a serviço do Estado, hoje a escola, em especial a privada, tende majoritariamente a configurar um instrumento a serviço do Mercado.

Segundo reflete, as TICS (tecnologias de informação e comunicação), como vistas e trabalhadas atualmente, “são o melhor exemplo do determinismo e funcionalismo mercadológico da educação”. Eis porque preconiza a priorização das TACs (tecnologias de aprendizagem e convivência), que “dão sentido e significado para a vida humana e hoje, mais do que nunca, para a sobrevivência humana”, valorizando os saberes, os potenciais e a capacidade de troca e compartilhamento, que podemos ainda compreender como solidariedade. (Portal CPCD - Tics e Tacs)

Acreditamos que essas reflexões funcionem como um eficiente cartão de apresentação para que se comece a entender o objeto desta pesquisa.

DE EXPERIÊNCIAS GERADORAS

Paulo Freire, com quem Tião Rocha chegou a colaborar e que tem no antropólogo um atento e entusiasmado seguidor, trabalhou sobre as bases das *palavras geradoras*, quais sejam, palavras que fizessem sentido para os aprendentes, que brotassem do âmago de seus panoramas e vivências cotidianas, a partir das quais se desenvolviam as práticas de alfabetização. Isto

fica criteriosamente demonstrado e defendido num de seus livros mais famosos, *Pedagogia do oprimido* (1987).

Abrimos aqui um parênteses para mencionar que essa prática pedagógica proposta por Freire, frequentemente descrita como “método”, embasou projetos de alfabetização de governos progressistas ao longo do tempo e em distintos locais, a exemplo do sistema instaurado na Nicarágua a partir de julho de 1979. A Cruzada de Alfabetização Sandinista, de fato, ensinava as vogais ao povo iletrado, mas que acabara de vencer uma luta de libertação nacional, usando a expressão “*la revolución*”. (Santos, 1990, pág. 138)

Poder-se-á, talvez, levantar uma analogia com as experiências de infância e de vida de Tião para acompanhar o traçado de suas propostas pedagógicas.

Vamos aqui tão somente mencionar algumas dessas vivências que nos permitem aventar a correlação dessas gêneses, a da filosofia da educação alfabetizadora em Freire e as das bases sobre que se erigiram as convicções filosófico-pedagógicas de Rocha - ou, como nos ocorre dizer, suas *experiências geradoras*.

No princípio de tudo, uma ascendência nobre: a tia rainha

Consta que Sebastião Rocha, o nosso Tião, era um garoto vivo, levado, esperto. Não fala abertamente sobre isso, mas entende-se que foram frequentes as palmadas e castigos.

Levou para a escola esse espírito aceso, inquieto.

Ocorre que o garoto tinha uma tia. Uma tia emblemática, a tia Etelvina. Uma rainha. Rainha escolhida e permanente - como toda rainha que se preze - do congado.

Era a aula de História e a professora discorria sobre a monarquia no Brasil. Pedros, Leopoldinas, Dons Joões. Tião sente que o assunto lhe diz respeito e anuncia: “Eu tenho uma tia que é rainha!” A professora, tolerante, não lhe faz caso: “Fique quieto, menino!” O pirralho insiste, pouco depois: “Minha tia é rainha! É rainha, sim!” E tenta falar do universo encantado, tão conhecido, tão ‘seu’, do congado. A professora reage vocalizando a tradição: “Cale a boca, menino! Não atrapalhe, pode sair da sala!”

O mineirinho sai, mas leva a determinação de revelar ao mundo a existência e importância de Etelvina, a Rainha do Congado. Não basta, afirma hoje, conhecer a “história dos outros”: é preciso conhecer e honrar a própria. Mas a própria história não estava escrita, porque as histórias dos seres comuns, que sustentam o curso dos acontecimentos, raramente se registram. Como tantos poetas e revolucionários, o menino começou a acreditar que era sua tarefa escrevê-la e ressignificar a trajetória dos reis, rainhas e dinastias que podem repousar no fundo da história de tantos filhos do povo brasileiro. (Rocha, Tião. Palestra no museu Gerdau, 2014).

Álvaro, que vira semente e germina na pedagogia revolucionária de Tião

No seu tempo de professor (hoje se define como ‘educador’, no sentido mais freireano de troca de conhecimento entre aprendentes), Tião dava aula de História na PUC de Minas e no Instituto Alcinda Fernandes, em Belo Horizonte, uma escola do então segundo grau, para a classe média alta.

Havia um aluno particularmente brilhante na escola secundária, Álvaro, que participava intensamente das aulas, lia todos os livros recomendados sobre Revolução Francesa, Industrial, todos os conteúdos tradicionais do currículo clássico. Lia ainda mais e ia além: animava e liderava as discussões nas aulas e nas sabatinas. Como qualquer bom professor, Rocha sentia-se impelido a

atualizar-se para manter a ascendência que habitualmente se espera encontrar nos mestres.

Álvaro era a vida e o espírito pulsante da classe, em sua ânsia de aprender, captar, discutir, digerir. Até o dia em que não foi à aula. Não iria mais. Álvaro se fora para sempre, sem bilhetes, sem discórdias, sem alertas, sem despedida.

No velório, os pais procuram Tião. “O senhor era o ídolo de Álvaro, ele falava no senhor o tempo inteiro, e vivia para ir a sua aula. Só o senhor pode saber por que nosso filho se suicidou”. Tião não sabia, Tião não fazia ideia. Eles tinham a melhor relação pedagógica, imersos em toda a bibliografia do mais conceituado e extenso currículo, embora Tião não fosse capaz de ver - talvez afogado nessa mesma imersão formal - qualquer dos sinais que está seguro de que Álvaro terá emitido. Essa lembrança ainda lhe embarga a voz. Mas do fundo da perplexidade e da dor o mestre foi capaz de resgatar a lição que Álvaro lhe deixara: “Nunca, nunca mais me preocuparei em ensinar sobre a história da Revolução Francesa, do imperialismo ou do que seja sem antes conhecer muito bem a história de cada menino”. Essa determinação foi a maneira que encontrou de manter próximo e conferir pulsação perene ao adolescente que afirma levar consigo diariamente, como “seu anjo”. (Rocha, Tião. Palestra no Museu Gerdau, 2014).

Em várias de suas entrevistas, Tião se queixa de que nunca lhe contaram a história de um rei do Congo, enquanto abundaram os mínimos detalhes dos relatos sobre todas as dinastias européias.

A tia Etelvina, reinando na festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Minas; o brilhante Álvaro, que se foi sem aviso aparente; o Rei do Congo cuja história nunca se preocuparam em contar a Tião ou a qualquer de nós, sinalizaram o caminho da rebelião pedagógica do educador caboclo.

Eis, portanto, a força motriz do que configurará toda a sua produção intelectual e educacional, aí arrolados os desdobramentos na esfera social. Ou, no dizer do mestre Freire:

“Agir educativo que, não esquecendo as condições culturoológicas de nossa formação paternalista, vertical, por tudo isso antidemocrática, não esquecesse também e sobretudo as condições novas da atualidade. De resto, condições propícias ao desenvolvimento de nossa mentalidade democrática, se não fossem distorcidas pelos irracionalismos”. (Freire, 1983, pág. 91)

SURGE O CENTRO POPULAR DE CULTURA E DESENVOLVIMENTO - CPCD - A ancoragem das pedagogias de Tião Rocha sobre as bases da filosofia freireana quanto a sociedade e educação

Era por volta do ano de 1983 e Tião Rocha, professor inquieto e questionador, estava num programa de rádio da pequena Curvelo, Minas Gerais, quando lançou no ar uma pergunta: “É possível criar uma escola debaixo de um pé de manga?” E não se afligiu com o desafio que acabara de propor: “Se alguém estiver interessado em encontrar resposta, a gente marca um encontro e conversa”. (Rocha, Tião. Entrevista à Universidade Federal de Santa Catarina, 2018)

Tião era - e ainda é - um freireano convicto, que compreende a educação como passaporte para a conscientização e a liberdade do ser humano numa sociedade econômica, social e politicamente assimétrica como a brasileira.

Mannheim, citado por Freire, afirma sobre essas condições:

“Mas em uma sociedade na qual as mudanças mais importantes se produzem por meio da deliberação coletiva e onde as reavaliações devem buscar-se no consentimento e na compreensão intelectual, requer-se um sistema completamente novo de educação; um sistema que concentre suas maiores energias no desenvolvimento de nossos poderes intelectuais e dê lugar a uma estrutura mental capaz de resistir

ao peso do ceticismo e de fazer frente aos movimentos de pânico quando soe a hora do desaparecimento de muitos dos nossos hábitos mentais” (Freire, 1983, págs.88/89).

Por outro lado, Rubem Alves (1994) afirma categoricamente, naquele seu jeito poeta de ser científico, que “todo conhecimento começa com o sonho”.

“O conhecimento nada mais é do que a aventura pelo mar desconhecido em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo como a água brota das profundezas da terra”. (Alves, 1994, págs.94/95).

Munidos desse aporte, enlevados por um sonho ainda difuso e em busca de um conhecimento para compartilhar, o encontro foi marcado. Apareceram 26 pessoas. Mas, na longa discussão que travaram, curiosamente não chegaram a esboçar a escola que queriam, no pé de manga ou onde fosse. Muito ao contrário: puseram-se a conversar sobre tudo que haviam rejeitado na própria escola.

“Nessa primeira semana nenhum de nós falou sobre a escola que gostaria de ter, mas sobre a escola que gostaria de não ter tido”. (ROCHA, Tião. Entrevista ao programa Roda Viva, 2007).

Ao final da semana, Tião preparou uma sinopse dos "Não-Objetivos Educacionais", vale dizer, tudo aquilo que não queriam que fosse o projeto. E partiram para a prática.

“Fizemos um pacto: temos aqui o que não queremos que aconteça. O resto é lucro”. (Idem).

Desses 26 daquele primeiro encontro, vinte seguiram outros caminhos, mas os seis remanescentes fundaram e se mantêm no CPCD - Centro de Cultura Popular e Desenvolvimento.

O CPCD - Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, surge como a criação geradora, o centro organizador e aglutinador, a base de onde partem ideias, ações, provocações que se espraiam para os campos da educação, da vida e organização social, da sustentabilidade nas comunidades, das tecnologias, sempre profundamente calcados numa filosofia básica, que tem tanto de

terra-a-terra quanto de revolucionária, no sentido de que não se propõe a oferecer mais do mesmo a muitos outros, mas que se fundamenta em relações de troca de ideias, onde os participantes são não apenas usinas de soluções imaginativas e sustentáveis como alvos dessas próprias iniciativas, tornando cada ser social participante um arquiteto dessas novas possibilidades e conquistas. O CPCD, em resumo, poderia ser descrito como uma usina geradora de ideias e práticas em pedagogias alternativas e tecnologias sociais. Aí se crê no “empodimento”, que é como o povo do interior do país chama o ato de poder, ser capaz de por si mesmo formular, gerar, produzir, concretizar, gerir.

Ou como expresso pelo próprio Centro:

“Somos uma instituição de aprendizagem. (...) aprendemos como brasileiros a buscar formas inovadoras de desenvolvimento e de ‘empodimento’, partindo sempre do ‘lado cheio do copo’ de cada pessoa e de cada lugar”. (Portal CPCD)

A rigor, o Centro é uma ONG, fundada em 1984 - logo depois do famoso desafio na rádio de Curvelo - sem fins lucrativos, que aposta na horizontalidade do conhecimento e da ação para operar um projeto de educação não apenas no sentido da alfabetização e letramento, mas avança pelo desenvolvimento de tecnologias, fabricação de objetos e brinquedos, educação para construção de casas sustentáveis e saudáveis, enfim, vida comunitária factível e digna.

Tem início em 1984, portanto, esse processo de “esquecer o aprendido que nos fez adultos para ver o mundo com novos olhos” (Alves, 1994, pág. 63).

Ao longo dos anos o CPCD se foi expandindo para atender não apenas às múltiplas necessidades das comunidades com que começava a interagir como para dar vazão à usina geradora de projetos e soluções.

Dos muitos projetos e realizações do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

O compromisso do Centro desde sempre se ancora nas premissas freireanas como, de resto, todo o trabalho de Tião Rocha ou por ele inspirado, nas múltiplas pedagogias que buscamos apresentar nesta abordagem. Como podemos perceber a partir da fala de Freire:

“(...)Desde logo, qualquer busca de resposta a esses desafios implicaria necessariamente numa opção. (...) Por uma nova sociedade que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua História. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se ‘descolonizasse’ cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos” (Freire, 1983, pág. 36).

E adiante:

“(...) A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser entre uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade. ‘Educação’ para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito” (idem).

Assim, conforme explicitado em sua própria apresentação pública, divulgada através de seu portal, o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento visa o trabalho de criação e implementação de “projetos inovadores, programas integrados e plataformas de transformação social”, sempre a partir da integração e participação ativa da comunidade trabalhada a cada momento, preferivelmente as comunidades e cidades de ordinário relegadas, aquelas com menos de 50 mil habitantes.

O escopo é a formação e implementação de cidades educativas e de cidades sustentáveis, sempre a partir da iniciativa e do trabalho em equipe das próprias comunidades, a partir de seus saberes, interesses e fazeres. A isto Tião aprendeu com as gentes a chamar “empodimento”, qual seja, a consciência de que as pessoas simples do povo sabem e “podem” formular, criar, organizar e produzir seus produtos, seus instrumentos, seus conhecimentos, sua cultura. (Portal CPCD)

Alguns dos projetos desenvolvidos pelo Centro

Um dos primeiros e mais importantes projetos do Centro foi o *Arasempre - Araçuaí para todos e para sempre* -, uma plataforma de transformação coletiva que abarca a colaboração braçal e intelectual dos membros da comunidade trabalhada. Essa participação ativa compreende desde a fabricação de brinquedos e instrumentos - o Ser Criança - numa fabriqueta local até ações de manejo da água na Chapada do Lagoão, a caixa da cidade, tratando da qualidade da água que servirá ao plantio e ao consumo da população.

Naturalmente, isto inclui um conceito de educação intimamente associada a conscientização socioambiental e ao desenvolvimento de um espírito de solidariedade e colaboração comunitária que, se não é exatamente novo, pode ser visto como pouco usual nas concepções acadêmicas (Portal CPCD - Arasempre)

No meio desse caminho, a educação para construção de quintais auto-suficientes e produtivos, a formação de agentes comunitários e a instrução e viabilização de habitações dignas e sustentáveis, sempre em parceria, sempre em mutirões, sempre com o protagonismo dos indivíduos-alvo que passam a compreender-se cidadãos.

O *Arassussa - Araçuaí Sustentável*, de 2005, congregou 13 organizações brasileiras ligadas à Fundação Avina. A Fundação Avina é uma fundação latino-americana que visa promover a sustentabilidade a partir de processos colaborativos. O projeto Arassussa se calçou no mote *A transformação social como causa e um Brasil sustentável como meta* e teve por objetivo tornar a cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, um modelo de sustentabilidade na região, não apenas reforçando as iniciativas de educação popular que o Centro já implementava desde 1998, como investindo esforços

nas áreas de segurança alimentar e hídrica, agroecologia e energias renováveis. Essas ações coadjuvaram os investimentos na formação de professores municipais e de jovens das áreas rurais como agentes para a prática da permacultura. Aí se trabalhou a transição da agricultura para as práticas ecológicas, aprofundando a relação com a terra e a compreensão de seu uso em estreita associação com os interesses do povo local, reafirmando o vínculo que deve ser indissociável, segundo a compreensão freireana, da educação que valoriza os distintos segmentos culturais do povo brasileiro. (Portal CPCD, Projeto Araçuaí Sustentável)

O *Sítio Maravilha*, outro desses projetos integrados do CPCD, a cerca de 25 km de Araçuaí e às margens do Rio Jequitinhonha, sedia o Instituto de Permacultura do Vale do Jequitinhonha, e foi cedido em regime de comodato ao Centro, desde 2005, pela Ação Social Santo Antônio, proprietária das terras, para que aí se implantasse um laboratório de tecnologias alternativas. De fato, o Sítio abriga oficinas para disseminação de hortas mandala, espirais de ervas, produção de compostos orgânicos, tintas feitas a partir da terra, banco de sementes, viveiro de mudas, cozinha experimental para o máximo aproveitamento dos produtos da terra, produção de farinha de ossos de peixe. além da produção de frutas, verduras e legumes, um conhecimento espreado pelas comunidades da região.

Também se aprende a manejar racionalmente as águas, a usar o saneamento ecológico e a trabalhar as bioconstruções.

Todo o trabalho se dá sobre os três princípios da permacultura, quais sejam. o cuidado com a terra, o cuidado com as pessoas e o compartilhamento do excedente.

Nesses 12 hectares de terra, o solo do sertão mineiro foi plenamente recuperado - uma prova do quanto é possível essa recuperação. Aí se origina a

alimentação que ajuda a nutrir plenamente as mais de 300 crianças aprendentes dos projetos sociais da região e suas famílias.

O Sítio contou com a orientação dos Institutos de Permacultura do Cerrado, da Amazônia e da Pampa.

No Sítio Maravilha, que em si mesmo guarda material para todo um trabalho de pesquisa à parte, observam-se os princípios do compromisso social, da satisfação econômica, dos valores humanos e culturais e do “empodimento” - a conscientização adquirida pelo indivíduo de seu poder de realizar coisas e reverter situações adversas. Numa palavra: o erguimento do ser humano sobre as bases da autoconfiança adquirida sobre seu poder de concretizar sonhos: “Nós podemos”.

Vale notar aqui que todo esse projeto em suas surpreendentes realizações se assenta sobre um objetivo estritamente pedagógico de Tião: “não perder menino para o plantio de cana”. Como admite ele próprio, perdeu apenas 10: 6 para a música e 4 para o Balé Bolshoi; com estes ele se conforma. (Portal CPCD- Sítio Maravilha)

Já no Maranhão, e baseado em muito nas experiências do Sítio Maravilha, o Centro implementou, a partir de outubro de 2013, o projeto *Casa Saudável*, em Vila Pindaré, distrito de Buriticupu. Ali havia cerca de 400 famílias isoladas, em situação precária e sem acesso às formas mais básicas de higiene e saneamento.

O Casa Saudável se propôs a intervir nas casas e quintais dessa comunidade, através de seus próprios habitantes, num trabalho de mutirão que abrangeu a participação física e intelectual de homens e mulheres em cooperação ombro a ombro.

Construíram-se caixas para coleta de água da chuva, utilizaram-se as tecnologias de espirais de ervas, temperos, flores e horta, construíram-se banheiros compostáveis. Mais: essa comunidade optou por intervir ainda na estética de suas próprias casas, utilizando a tecnologia das tintas produzidas a partir da terra e seu aprendizado em construção sustentável para erigir uma vila sobre seus próprios paradigmas técnicos e estéticos. Os resultados reafirmaram a importância que as modernas definições de saúde atribuem à autoestima e à autovalorização. (Portal do CPCD - Casa Saudável)

Um dos desdobramentos importantíssimos do projeto Ser Criança, que vem desde 1998, foi a organização do *Coral Meninos de Araçuaí*, que congregou meninos e meninas de 7 a 16 anos. O Coral foi impulsionado pela parceria do Centro com o Grupo Teatral Ponto de Partida e visou a musicalização, a expressão corporal, a produção experimental de instrumentos musicais conhecidos e inéditos. Aqui a música entrou como a argila para “formação de cidadania, socialização, sensibilização, estética e principalmente o desenvolvimento da autoestima” (Portal CPCD - Meninos de Araçuaí)

Tal foi o sucesso que o Coral tem vários CDs e DVDs gravados, e teve uma marcante participação no CD Pietá, de Milton Nascimento, além de ter chegado a Paris no Ano do Brasil na França, em 2006, sob a gestão de Gilberto Gil como Ministro da Cultura.

Creemos, entretanto, que o maior destaque na existência do Coral é a aposta na expansão e aprimoramento do próprio projeto: com os 40 mil reais que receberam de direitos autorais, as crianças investiram no próprio sonho: a construção do cinema da cidade, o *Cinema Meninos de Araçuaí*, uma construção de 105 confortáveis lugares, nos padrões de arte e sustentabilidade do projeto, que serve não apenas à exibição de filmes como aos encontros comunitários nos fins de semana.

Esse cinema, sonho da juventude da cidade concretizado às custas do próprio trabalho, foi erguido em 2007, na cozinha abandonada do antigo Mercado Municipal, que mudou de lugar após as enchentes de 1979. (Portal CPDC - Cinema Meninos de Araçuaí)

A partir daí, os jovens decidiram não apenas exibir filmes, como produzi-los. Geraram curtas, documentários, vídeos institucionais e até o Canal Sempre. Em 2011, com curtas metragens que contavam histórias de personagens locais, alcançaram o 1º. e o 2º. prêmios da campanha Histórias que Mudam o Mundo, do Museu da Pessoa, instituição virtual e colaborativa de São Paulo, voltado para histórias de vida. (Portal do CPCD - Canal Sempre - Cinema Meninos de Araçuaí)

Em 2012, o Centro envolveu-se com um projeto voltado principalmente para a área de Educação para a Saúde, chamado *Nos Trilhos do Desenvolvimento*, que abarcou as cidades maranhenses de Açailândia, Alto Alegre do Pindaré, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Santa Rita e Itapecuru Mirim.

O objetivo era impulsionar tecnologias sociais e desenvolvimento sustentável, com a formação e o apoio de lideranças comunitárias, visando sempre a construção de cidades sustentáveis.

Em largos traços, o projeto girava sobre dois eixos principais: o Meu Lugar É Aqui, que visava gerar um nível de bem-estar entre os habitantes que fosse capaz de efetivamente reduzir o chamado êxodo rural - a partida dos moradores de pequenas cidades interioranas para os grandes centros urbanos, originada pela falta de oportunidades de vida decente e satisfatória; e o Cuidando dos Tataranetos, que visava evitar solução de continuidade e seguir promovendo um desenvolvimento capaz de contemplar as futuras gerações. (Portal do CPCD - Nos Trilhos do Desenvolvimento)

Já em Itapecuru Mirim, no Maranhão, o Centro percebeu não somente o potencial como a necessidade e a oportunidade da aplicação de um projeto de educação para a saúde. A demanda era aproveitar o interesse e a empatia de indivíduos locais que receberam instrução especial para se tornar cuidadores educados e treinados para aplicar o protocuidado, ou seja, a percepção de sinais adversos em saúde, para aplicação de cuidados precoces, uma forma moderna de tratamento por prevenção, reconhecidamente mais barato e mais eficaz. Isto a partir da percepção de que essas populações contam com “cuidadores natos”, pessoas com interesse e comportamento solidário.

“O projeto espera trazer uma experiência inovadora para o Sistema Único de Saúde – SUS, entendendo a atenção em saúde como uma visão para cuidados básicos e de prevenção com foco na saúde e não nas doenças”. (Portal CPCD)

A partir daí, o projeto *Cuidadores em Saúde* propôs “uma inversão de lógica: oferecer informações científicas a pessoas que possuem aptidões relacionais e postura solidária e generosa, moradoras das comunidades-alvo”, contribuindo para reduzir em grande medida a incidência ou o agravamento de casos de diabetes, hipertensão e hanseníase nas comunidades atingidas. (Portal CPCD-Cuidadores em Saúde)

Para ilustrar a acuidade de visão de Tião Rocha e dos planejadores do CPCD, mais tarde, de 2013 a 2015, a própria Fundação Oswaldo Cruz, através de seu Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/Fiocruz), em parceria com o Grupo Hospitalar Conceição (RS); a Rede de Escolas Técnicas do SUS; e o Ministério da Saúde, veio a implementar um programa semelhante, em muito mais larga escala, quando envolveram 12 pesquisadores com Mestrado e Doutorado e 80 orientadores que promoveram cursos de capacitação de 237 mil agentes comunitários que, por sua vez, levaram cuidado e atendimento a populações carentes em questões relacionadas a saúde mental, crack e outras drogas. Percebemos assim como em um rincão interiorano do Maranhão o Centro foi capaz de antecipar, em termos de concepção, uma política pública de grande alcance e relevância

que viria a ser executada na maior instituição de saúde pública da esfera federal brasileira.(Projeto Caminhos do Cuidado - ICICT - Fiocruz)

Ainda no Maranhão, mas no município de Arari (pequena arara, em tupi-guarani), uma pequena cidade de 1.100 km², com uma população de 29.932 habitantes (2020), o Centro impulsionou a criação e o desenvolvimento da *Estação Conhecimento*.

A Estação é uma incubadora de projetos, de conhecimentos, que visa reunir os interesses da comunidade em seus saberes e fazeres para gestar soluções sociais e tecnológicas em seu próprio benefício.

As incubadoras a serem implementadas, segundo acordado, deverão ser planejadas e geridas visando construir os vínculos com as necessidades de cada tempo; investir em novos modelos de serviços, ofícios, produtos e negócios com impacto positivo para a coletividade; cuidar de novos modelos e práticas de humanização no que tange a educação, saúde e meio ambiente; e, além do mais, gerar uma nova mentalidade que não privilegie o lucro em detrimento dos interesses e da solidariedade comunitária.

A Estação Conhecimento está pautada por sólidos norteadores, quais sejam:

“(1) a Carta da Terra como princípio, (2) o Território como ponto de partida e de chegada, (3) a diversidade cultural como riqueza, (4) o aprendizado como meio, (5) a educação como fim, (6) o desenvolvimento local e sustentável como causa, (7) a incubadora de projetos como estratégia.” (Portal CPCD)

As fantásticas *fabriquetas* começaram simplesmente, com a produção de sabão artesanal, que gerou a Pedagogia do Sabão, como veremos adiante. São unidades de produção não apenas de sabão artesanal, como no princípio, mas de toda sorte de peças como brinquedos, objetos utilitários e de arte em madeira, ferro, cerâmica e evoluindo para a doçaria de cristalizados e compotas e geleias de frutas regionais, a fabricação de licores, a idealização e confecção de jogos educacionais, papel artesanal, bordado, tecelagem, crochê

e a preciosa tinta de terra, empregada nas realizações artísticas e estéticas das várias comunidades abarcadas pelo trabalho do Centro.

É aqui que, mais claramente, a prática efetiva ‘abraça’ a comunidade em suas carências, lançando mão de seus talentos e conhecimentos originais para gerar soluções criativas e rentáveis, resgatando a autoconfiança, a autoestima e o auto-respeito dos envolvidos. Como resultado, já foram geradas 2000 novas tecnologias populares. (Portal CPCD - Estação Conhecimento)

Surge daí, em 1996, com sede em Curvelo e várias unidades de produção no norte de Minas, a Cooperativa Dedo de Gente, que conta com o trabalho de jovens entre 12 e 16 anos de idade, que podem assim permanecer em suas casas durante todo o ano, próximos ao centro de aprendizado e escapando do trabalho precoce, árduo e embrutecedor no corte de cana.

Ainda entre as *fabriquetas*, o Centro, atendendo ao anseio de atualização e expansão de horizontes tão típico dos jovens de qualquer região ou tempo, ajudou a criar a Fabriqueta de Softwares, que pesquisa e faz sites, blogs, bancos de dados, jogos eletrônicos e gestão de redes sociais. Nas palavras do próprio Tião, “com eles a gente tenta aproximar o TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação dos TACs – Tecnologias de Acolhimento e Convivência”. (Portal CPCD- Projeto Fabriquetas)

No sul da cidade de São Paulo, numa localidade chamada Parelheiros, e inspirados nos princípios e tecnologias do Centro, nos 16 princípios da Carta da Terra e na Encíclica *Laudato Si*, onde o Papa Francisco repete que “tudo está conectado” e faz o predatório, um apelo contra o desenvolvimento irresponsável, chamando à luta em defesa do ser humano e contra a degradação ambiental, construiu-se a *Plataforma Parelheiros: Territórios Abraçados*.

A iniciativa se estende por 6 bairros: Barragem, Jardim Silveira, São Norberto, Nova América, Colônia e Vargem Grande, com 50 mil moradores, onde fica a sede do projeto.

Parelheiros, com seus 151.339 habitantes, é um distrito pleno de possibilidades em riquezas naturais e ambientais, mas com enormes problemas socioeconômicos. Possui ainda a maior proporção de crianças pequenas de São Paulo e 50,5% de sua população tem entre 0 e 29 anos.

As ações do projeto, que se têm estendido desde 2013 até este 2021, compreendem intervenções tais como a alfabetização de jovens e adultos; o emprego das práticas da permacultura; o uso das tintas de terra; o trabalho de supervisão e orientação comunitária que emprega jovens denominados “guardiães” - aqui mais uma vez aprendendo à medida que executam, em consonância com os preceitos freireanos; a “adoção” de ruas e moradores; os cuidados com as crianças ainda no ventre materno; uma casa de acolhimento para mães e gestantes, a Casa do Meio do Caminho; a difusão de livros pelos espaços públicos.

Este projeto conseguiu articulação com organizações locais e serviços públicos. (Portal CPCD - Parelheiros Saudável: Territórios Abraçados)

O Projeto Júpiter, uma parceria com a Fundação Renova, visa ainda valorizar por empoderamento o próprio jovem, responsabilizando-o e engajando-o na história e nos destinos de sua coletividade; comprometer esse jovem com as perspectivas ambientais, sempre voltado para criar condições que lhe possibilitem ficar na terra, dentro do mote “Meu lugar é aqui”; e, finalmente, cultivar valores humanos e culturais. Como diz o Centro, a principal matéria prima para as transformações sociais e educacionais é o habitante local, seus conhecimentos e práticas. (Portal CPCD - Projeto Júpiter)

O Projeto *Ser Criança* engloba uma parte significativa das ideias e projetos que animam o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. A rigor, começou a ser implementado logo após a fundação do Centro, em 1985, e tem por escopo não apenas complementar o ensino regular das crianças como valer-se para isso de toda a comunidade e todos os recursos já disponíveis. É justamente essa síntese que permite que o projeto, voltado para crianças de 7 a 14 anos, converta em espaço educacional qualquer ambiente em que o aprendente se movimente durante as 24 horas do dia, independente da atividade que esteja exercendo, além de, basicamente, converter em educador qualquer pessoa que se disponha a compartilhar conhecimento.

Uma discussão interessante a levantar aqui é a compreensão horizontalista que um projeto assim denota, porquanto não estabelece ‘hierarquia’, ou seja, ordem de valores sobre áreas de conhecimento. Numa palavra, vale tanto saber um nome de afluente do rio Amazonas como o melhor tipo de terra ou mistura para plantar ora-pro-nobis, ou como transformar algumas porcas e parafusos em objeto de arte.

“Estudar brincando, plantar e comer, conversar e aprender, jogar e cantar, criar e ensinar, pintar e limpar, fazer e reciclar, dançar e sonhar, ser e ousar, respeitar e crer, rir e cuidar-se, são alguns, dos muitos verbos praticados no dia-a-dia deste projeto por centenas de meninos e meninas, em horários complementares à escola formal e em espaços comunitários repletos de alegria, prazer e generosidade.” (Portal CPCD)

Emblemático e ambicioso em sua aparente simplicidade, o *Projeto Ser Criança* oferece a cada aprendente a chance de expressar-se, de mostrar quem é, o que lhe interessa e o que pode oferecer ao coletivo, reforçando os aspectos positivos da personalidade, dando um destino aos talentos de cada qual e realizando sonhos de afirmação de seres sociais.

Entre as cidades onde atuou e para as quais levou esses benefícios estão Curvelo, São Francisco e Araçuaí, Januária, São Romão (MG), Vitória (ES), Rosário, Miranda do Norte, Pinheiro e Itapecuru Mirim (MA), Santo André (SP),

Belmonte, Santa Cruz de Cabrália, Eunápolis, Itabela, Itagimirim, Itapebí, Porto Seguro (BA), Nampula e Maputo - Moçambique.

Não por menos, esse projeto amealhou uma significativa quantidade de prêmios, da Unicef inclusive, e obteve reconhecimento e aplausos no mundo voltado para a questão educacional. (Portal CPCD - Projeto Ser Criança)

Longe de desviar o foco da questão Educação, guardamos a certeza de que elencar essa pequena amostra dos projetos desenvolvidos por Tião Rocha e sua equipe, à frente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, contribui para elucidar, reafirmando e aprofundando, as convicções que o tornam um verdadeiro educador popular, capaz de compreender educação como leitura e expressão cúmplice do que habita as raízes culturais e ainda as grandes potencialidades de cada indivíduo como parte integrante de uma comunidade e elemento primordial do desenvolvimento da coletividade.

AS PEDAGOGIAS DE TIÃO ROCHA

A rigor, todos os projetos do antropólogo derivam de suas concepções pedagógicas, derivadas essas, por sua vez, da colaboração com Paulo Freire e da elaboração intelectual a partir da prática exercida e preconizada pelo Patrono da Educação Brasileira.

Tião resume: “Paulo Freire pra mim é verbo que se conjuga sempre no presente: eu paulofreiro, tu paulofreiras...” (Rocha, Tião. Entrevista a Espaço Público, TV Brasil, 2015)

“Paulofreirando”, Rocha esboçou, desenvolveu e ainda desenvolve uma constelação de pedagogias muito próprias, que permeiam os projetos que implementa no Brasil, na África e em países da América Latina desde a criação de seu Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.

Queremos aqui apresentar brevemente e refletir sobre algumas dessas pedagogias e as tecnologias educacionais que vieram a gerar.

A Pedagogia da Roda

A formação em círculo tem estado presente em inúmeras circunstâncias, práticas e rituais das mais diversas civilizações, desde as mais primitivas.

Não é incomum a imagem de crianças sentadas em círculo, ao ar livre, para ouvir histórias contadas por um adulto. Também os adultos fazem formação circular para as antigas danças rituais relativas à terra, sementeiras e colheitas, ou para discutir questões políticas, comunitárias e mesmo acadêmicas. A formação em roda, portanto, remonta a práticas ancestrais das gentes ligadas à terra, provavelmente evocando os ciclos naturais.

Mas Tião Rocha, a partir das discussões que geraram a criação do CPCD, pensou as próprias aulas e atividades acadêmicas com os participantes sentados em círculos olhando um aos outros, ensinando e aprendendo simultaneamente, conforme preconizado por Freire. No sistema proposto e executado pelo educador e sua equipe, as aulas não são seriadas e abrigam aprendentes de muitas idades e distintas bagagens de conhecimento. Os participantes são alternadamente aprendentes e ensinantes, estimulam-se e intercambiam de forma aparentemente natural, desinibem-se e aprendem a valorizar os próprios saberes e fazeres.

Paolo Nosella ((2004) reporta e discute uma experiência análoga vivida por Antonio Gramsci com os demais prisioneiros na Ilha de Ustica, para onde vai, condenado, em 1926.

“(...)Nesta ilha para prisioneiros políticos e comuns, logo organiza ele, junto com seus companheiros e amigos, uma escola que é, ao mesmo

tempo, escola de alfabetização, elementar e média, e até faculdade”.
(Nosella, 2004, pág. 113)

Mais adiante, estendendo-se sobre a escola gramsciana, Nosella acrescenta:

“ (...)Gramsci defende um método que parte das experiências concretas de todos, valorizando-as e estudando-as coletivamente, de forma que o grupo todo se torne o educador de si mesmo, organicamente, elevando o nível cultural de cada um e do conjunto. É a ideia, para ele tão cara, da escola como ‘círculo de cultura”. (idem, pág. 116)

Também ali era preciso subsidiar o grupo de aprendentes, de distintas origens e vivências com um mínimo de conhecimento de língua, matemáticas e história, a partir de que fossem adquirindo noções de grupo, pertencimento, fossem crescendo em auto-respeito e cidadania, não obstante as condições de perseguição ou abandono social. Os alunos prisioneiros, de distintos níveis de conhecimentos, distintas histórias e origens, alternavam-se como alunos e mestres, intercambiando conhecimentos e reafirmando-se como sujeitos de valores e dignidade.

A Pedagogia da Roda, com as crianças e eventuais adultos sentados em círculo, no terreiro, no campo, sob uma árvore frondosa ou em qualquer espaço familiar à comunidade que aí intercambia seus saberes, parece-nos uma vivência análoga, em alguma medida, às trocas dos alunos prisioneiros - ainda que possamos deduzir que estes, mercê de suas especiais condições, talvez não tivessem possibilidade de sentar-se em círculo. Na Itália de Gramsci, prisioneiros do Estado; no Brasil ou na África, presas do isolamento do campo, da pobreza, da evasão para o abandono nos grandes centros, da falta de formulação ou implementação de políticas públicas de educação para as amplas massas. Se Gramsci sonhou libertar as consciências da Ilha de Ustica pelo conhecimento, Rocha atreve-se a sonhar libertar também pelo conhecimento, fazendo emergir o auto-respeito e a autovalorização de populações abandonadas pelos foros institucionais responsáveis por prover adequadamente educação, saúde, alimento, moradia, cidadania plena enfim.

Por que e onde, afinal, a experiência gramsciana de Ustica pode ser evocada quando se trata da Pedagogia da Roda de Tião Rocha? Porque o conceito da circularidade de conhecimentos, desde o ponto de vista da troca, do intercâmbio, da horizontalidade e do compartilhamento igualitário parece análogo. Gramsci, Freire e Rocha levaram à prática e às últimas consequências a convicção de que o conhecimento é possível e devido a todos os seres humanos como instrumento de libertação e dignificação, e que esse conhecimento é democrática e saudavelmente intercambiável, porque todo indivíduo é senhor de conhecimentos valiosos e, portanto, produtor de cultura.

Percebe-se a mesma raiz de vezo horizontalizante, de corte claramente freireano, quando o educador defende que as crianças formem parte integrante do processo que vivem na escolarização, parte integrante da história e do desenvolvimento não apenas dessa escola, como desse lugar em que vive, não apenas um objeto, um consumidor. E um fator que ajuda a estabelecer esse processo é a própria posição dos corpos, em círculo, em roda, e não apenas sentados como receptáculos, “um olhando a nuca do outro” (Rocha, entrevista a Paulo Moreira Leite - TV Brasil, 14.5.2015)

A Pedagogia do Abraço

“As crianças que vão para a escola podem aprender no seu tempo, brincando, de forma alegre e prazerosa? A escola não tem que ser carrancuda”. (Rocha, entrevista a Paulo Moreira Leite - TVBrasil, 14.5.2015)

No Brasil, talvez tenha começado aproximadamente nos anos 1990, com a instauração da terapia do luto, um esforço interdisciplinar que une terapeutas, psicólogos e psiquiatras para ajudar pessoas a lidar com a perda e a morte de entes queridos, a conscientização científica da importância do bem estar psíquico para a realização de tarefas do cotidiano, como seguir a vida, manter a saúde, fazer uso mais pleno da memória, aprender. Essa preocupação, que levou a classe médica a buscar a melhor forma de lidar com a morte ao comunicar-se com os familiares de um paciente perdido, gerou posteriormente

também o HumanizaSUS, o Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar, de 2003, cujos princípios nas práticas de atenção e gestão desaguaram em uma série de projetos que buscaram qualificar a saúde pública no país, incentivando trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários do sistema de saúde.(Infoescola, 2012)

Um dos reflexos dessa filosofia, no campo da Educação, é a Pedagogia do Abraço conforme a entende e idealiza Tião Rocha. Essa pedagogia

“...surgiu em função de uma experiência com os meninos mais maltratados e marginalizados. Percebemos que os jovens precisam ter uma discriminação positiva: para quem teve menos na vida, precisávamos dar mais. Essa é a ideia do cafuné pedagógico” (Rocha,entrevista ao Portal NET Educação, 2014)

Tião, a exemplo de Paulo Freire, acredita no poder pedagógico e social do afeto, para longe de uma prática cientificista e fria. Acredita nas tecnologias relacionais centradas no acolhimento empático, no vínculo e na confiança como dispositivos favorecedores da adesão dos indivíduos. A ideia passa por desenvolver um espírito de fraternidade e solidariedade entre os participantes, sejam alunos, educadores, pessoal de apoio, que aumente a estabilidade e confiança psíquica, favorecendo o aprendizado sobre as bases da harmonia em diversidade. Segundo oficialmente exposto pelo CPCD,

“A sua aplicação dentro dos projetos educacionais, possibilita a melhoria da comunicação e a inclusão social, estimula a participação, a formação da identidade, o fortalecimento da auto-estima, a integração da equipe, a idealização de espaço solidário, a relação de iguais entre pessoas diferentes. Facilita a organização do trabalho e todo o processo de aprendizagem” (Portal CPCD - As pedagogias do CPCD - Pedagogia do Abraço)

Discípulo fiel da suavidade freireana, o antropólogo discorda de qualquer tipo de violência associada à Educação, mesmo as consagradas pelo senso comum. Com ele não funcionou a palmada, o castigo físico tão naturalizado como parte da forma de educar - um “direito” que razoável parte dos pais ainda reivindica; não funcionou o desprezo pelo folclore; as muitas formas de violência embutidas e aceitas nos paradigmas do processo educativo. Com um

sorriso travesso, revela a rebeldia que repousa na raiz de todo o seu projeto educacional:

“É que eu sou teimoso, como torresmo: quanto mais quente a gordura, mais sequinho eu fico”.(Rocha, Entrevista ao programa Roda Viva, TV Cultura, 2007)

A ideia geradora de “debaixo do pé de manga” Tião amplia, em sua visão de escola, para a própria rua, onde afirma ter encontrado seu norte, rua que envolve nesse abraço de afeto para aprendizagem:

“A rua me foi muito importante, a mim marcou muito mais que o outro lado” (a escola). “Sempre digo que não quero tirar os meninos da rua:eu quero é mudar a rua. Se a rua é o espaço da festa, do carnaval, do comício, da passeata, por que não pode ser o espaço generoso do aprendizado?” (Rocha, entrevista ao Museu Gerdau, 2014)

O educador insiste em que educação acontece - e só acontece - no plural. São necessários no mínimo dois para que se estabeleça a troca pedagógica do educar aprendendo consignado por Freire.

A Pedagogia do Abraço conforme compreendida por Tião, implica abordagem pedagógica assentada sobre as bases do Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano, o IPDH, como o denomina. Numa palavra, investir no “lado luminoso” do aprendente, abraçando-o simbolicamente, promovendo-o e estimulando-o em termos de autorrespeito e autoestima desde o ponto de vista psicossocial. O indivíduo assim estabelecido está mais instrumentado para desempenhar com dignidade, alegria e eficiência seu papel na relação pedagógica de coletivo no interesse do sujeito.

Sob a bandeira do abraço enquanto prática social comunitária, organizaram-se mutirões de construção solidária de casas, plantaram-se hortas e pomares, aprendeu-se a reciclagem, construíram-se ferramentas e brinquedos, como podemos ver em seus projetos implementados. (Portal CPCD- As pedagogias do CPCD)

Voltamos, aqui, ao defendido por Freire:

“Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma posição que levasse o homem a posições quietistas, ao invés daquela que o levasse à procura da verdade em comum, ‘ouvindo, perguntando, investigando’. Só podíamos conceber uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada, tanto quanto possível, criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade”. (Freire, 1983, pág.90).

É a compreensão dessa “transitividade” do indivíduo social, de sua capacidade e necessidade de interrelação, que surge a Pedagogia do Abraço, amalgamando afetividade, solidariedade e construção coletiva no interesse de cada sujeito e da comunidade como um todo.

A Pedagogia do Sabão

O folclorista Tião não se define por buscar conservar meros elementos folclóricos estáticos, como “a sala do artesanato” ou “a sala das alegorias” num museu, coisificando a cultura. Ao contrário, compreende a história e a cultura como coisas vivas, pulsantes, os fazeres, saberes e querer populares em construção diária e, por conseguinte, carentes de um registro progressivo. A nossa historiografia, a nossa construção, a nossa história - enquanto povo brasileiro - chancelada. E assim, por extensão, inteiramente do âmbito da escola.

“É preciso compreender essa dinâmica. Vem daí a pedagogia do sabão, por exemplo. Sabão é uma coisa que todo mundo sabe fazer, de custo quase zero, que está no inconsciente coletivo. Quando você percebe isso, compreende que pode aprender um monte de coisas, não apenas do sabão como solução técnica, econômica, sanitária ou lá o que seja, mas essa dinâmica como instrumento de formação, de construção de conhecimento, num sentido muito mais vivo, como se precisa que possa ter”. (Rocha, entrevista a Paulo Moreira Leite em maio de 2015)

A Pedagogia do Sabão nasce de forma curiosa, a partir de um fato bastante corriqueiro nos cenários de nossa vida escolar: os eternos pedidos de material, entre os quais os de limpeza e higiene. Tião Rocha lidava, na época, com a

prefeitura de Curvelo - MG, e interagiu com as escolas públicas da cidade. Mas não tinha como atender prontamente esses pedidos. Cansada de esperar, uma professora - sempre uma professora - decide fazer ela própria, com sua turma de 4º.ano, o sabão e o detergente de que precisava. Junta as crianças e todos produzem uma quantidade que servia à escola e às famílias. Fizeram sabão de sebo, de pequi, de mamão, com cinza, sem cinza. Daí evoluíram para a ideia de produção comunitária, que logo evoluiu para uma fabriqueta que diversificou a produção, passando a construir brinquedos a partir de refugos e sucata - que será depois conhecido como “a Pedagogia do Brinquedo”, de que falaremos adiante; Chegaram a produzir 2 mil tecnologias, de baixo custo ou de custo zero, incluindo-se aí jogos pedagógicos que foram distribuídos para as escolas.

A mesma fabriqueta atreveu-se a uma cozinha experimental, que demandou plantio e colheita, que gerou comestíveis como doces, compotas, licores, geleias, que por sua vez foram vendidos na feira e geraram renda. (Portal CPCD - As pedagogias do CPCD - Pedagogia do Sabão)

Foi desta maneira, com jovens emancipados de 14 a 16 anos, que nasceu a *Cooperativa Dedo de Gente*, de economia solidária. Nessa cooperativa trabalha-se com o objetivo de idealizar e concretizar um produto novo a cada mês, dentro do que chamaram “compromisso MDI ou Maneira Diferente Inovadora”. A qualidade do produto é aferida pelo IQP, ou Índice de Qualidade de Projeto. Os próprios cooperativados realizam as análises. Essa prática não apenas trouxe qualidade de vida, pela geração de renda, mas originou profissionalismo, ajudou a fixar os jovens em sua terra natal e instilou auto-respeito e auto-estima na comunidade atingida.

Vale aqui mencionar que as práticas da Pedagogia do Sabão, quando originam iniciativas geradoras de trabalho cooperativado, como neste caso do Dedo de Gente, guardam semelhanças com a Pedagogia da Alternância, objeto de estudo de Nosella, que igualmente promoveu uma educação entre a sala de

aula e o campo de trabalho agrícola. Essa pedagogia alvoreceu na França dos anos 1930 e veio germinar no Brasil de meados dos anos 1960, quando a Igreja Católica vivia a forte influência progressista do Concílio Vaticano II, das Encíclicas *Mater et Magistra*, do Papa João XXIII, e *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI. Nesse clima favorável, o jesuíta Humberto Pietrogrande, impulsiona a primeira das Escola-Família (EFA) no Espírito Santo, dentro do projeto do MEPES - Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. (Portal CPCD - Cooperativa Dedo de Gente)

A rigor, a experiência francesa de pedagogia da alternância espalhou-se pela América Latina, atingindo Argentina (mais ou menos à mesma época que no Brasil, meados da década de 1980), Venezuela, México, Nicarágua, Equador, Uruguai.

“Cada escola possui uma pequena propriedade para produzir alguns produtos para a alimentação do internato (alunos, monitores, visitas). As propriedades melhor administradas permitem também alguma comercialização de seus produtos cujo lucro retorna em benefício da própria escola” (Nosella, 2014, pág.80)

Antes, portanto, da experiência de Curvelo, nos anos 1980, a Escola-Família já funcionara na educação do campo no Brasil. Novas formas, novas denominações, mas uma resposta lógica e corajosa na práxis da educação popular. Uma tecnologia que parece haver sido abraçada, adaptada e ampliada por Rocha.

A Pedagogia do Brinquedo

“É possível construir uma escola tão boa que alunos, professores e funcionários exijam aulas aos sábados, domingos e feriados?” (Rocha. Entrevista à Universidade Federal de Santa Catarina, 2018)

O educador responde "sim" a mais outra de suas perguntas instigantes.

E sobre essa base tratou-se de construir brinquetas de toda sorte de brinquedos, dos mais simples aos mais elaborados. Se as crianças das áreas trabalhadas não tinham com que brincar, a criatividade e o desejo se uniram para superar as carências econômicas, a distância dos grandes centros e gerar brinquedos toscos, de madeira, sabugo, corda, sucata. Esses primeiros desenhos evoluíram para a idealização de jogos pedagógicos que atenderam e ainda atendem às demandas crescentes das escolas ligadas aos projetos e chegaram aos estabelecimentos tradicionais de ensino. Invertendo a direção conhecida, quando os grandes centros emanam as práticas e os conhecimentos no que se refere ao lúdico e ao pedagógico. Acomodam-se harmoniosamente as diferentes experiências, aproveitam-se os talentos e os estímulos para servir, brincando, a uma educação de qualidade, não dissociada da alegria e do estímulo intelectual. A ideologia que orienta a Pedagogia do Brinquedo é a ampla utilização de todo recurso disponível para gerar aprendizado divertido e prazeroso. (Portal CPCD - As pedagogias do CPCD- Pedagogia do Brinquedo)

Ou como bem ilustra o haikai de Rubem Alves:

*“uma lata vazia de sardinha
uma sandália havaiana abandonada:
um menino guia seu automóvel...” (Alves, 1994, pág,99)*

A Pedagogia do Copo Cheio

Parece haver no educador duas constantes: a obstinação por fazer funcionar, conseguir, atingir o objetivo considerado possível - mesmo que à primeira vista tenha parecido demasiado ambicioso - e a obstinação em fazer crer ao indivíduo que ele é capaz de realizar o que não se julga capaz de conseguir - o “empodimento”.

As duas obstinações encontram seu embasamento na Pedagogia do Copo Cheio. Em que consiste?

Afirma Tião Rocha que o IDH - índice de desenvolvimento humano - mede, como sabemos, as carências de uma população, baseando-se nos indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (esperança de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). Ao medir, assim, o que existe no momento da aferição, o IDH representa, segundo o antropólogo, “o lado vazio do copo”.

A proposta de Rocha é avaliar as populações por outro critério: o IPDH - o *índice de potencial de desenvolvimento humano* -, que ele define como “o lado cheio do copo”. O que vem a ser esse lado cheio? A capacidade de acolhimento, de convivência, de aprendizagem e de oportunidade. Significativamente, essas palavras formam uma sigla - *ACAO* - que evoca de imediato a palavra-chave com que se impulsionam projetos e se pensam pedagogias: *ação*. Nas palavras do educador mineiro, “expressão e palavra-síntese do trabalho a ser desenvolvido”.

A Pedagogia do Copo Cheio avalia, portanto, o potencial das populações analisadas para empoderar-se, desenvolver-se e passar a traçar seus próprios caminhos de completude. No dizer poético de seu idealizador: *“aprender os pontos luminosos e transformá-los em feixes de luz e calor”*. (Portal do CPCD - As pedagogias do CPCD- Pedagogia do Copo Cheio)

E AGORA, TIÃO?

Vistos projetos e pedagogias, transudando todos os entusiasmo visionário do educador, deparamo-nos desde 2020 com um tempo engessado, parado, perplexo: pandemia, isolamento, paralisação.

Para onde terão ido o antropólogo mineiro e seus sonhos concretizados? Em que espaço se alocam seus sonhos? Que terá sido de seus alunos – parceiros – aprendentes – ensinantes?

Vamos encontrá-lo sob seu inseparável chapéu, no Vale do Jequitinhonha, calmo, amável, falante, após uma série de gestões visando conseguir espaço para uma entrevista virtual em sua agenda - ainda - lotada de compromissos, palestras, entrevistas, providências.

Entrevista finalmente concedida, exclusivamente para este trabalho, vamos compartilhar as novas investidas no mundo virtual, ainda pouco familiar a entrevistadora e entrevistado. Basicamente fazemos três perguntas. Julgamos possam ajudar a localizar as vivências e realizações do educador no cenário datado, de intensos câmbios nas políticas públicas de educação, assistência social, saúde, isto tudo agravado pela pandemia de Covid-19 do quilate da que experimentamos no Brasil de nossos dias, o consequente isolamento e a necessidade que tivemos todos de recriar os canais de comunicação e as formas do fazer em quase todos os campos da realização humana.

A primeira pergunta trata justamente dessa localização. Afinal, qual o destino, já em tempos de pandemia e isolamento social, de projetos tão intensamente afetivos, onde a presença em roda e o abraço cumpriam uma relevância tão definida?

Tião Rocha, rosto grave, assume que sim, que houve sérias mudanças. Afinal, grande parte dos projetos se embasava em presença, troca, afeto, círculo. E trata de discorrer sobre o muito que foi providenciado. Em suas palavras, resistir não é simples. Todo o trabalho se assenta sobre a filosofia da roda.

“E roda não é apenas um desenho geométrico, Não pode ser excludente. No centro fica ninguém. O que sobra, numa roda, são as ideias e essas, sim, vão para o centro da roda. Agora, o que temos são os muitos quadradinhos das pessoas na telinha (do computador), e é daí que se tem que trabalhar na construção de consensos para

executar coletivamente. E são muitas as dificuldades, inclusive da própria internet". (Rocha; Entrevista concedida a Christina Luppen, para este trabalho, em janeiro de 2021).

Mas logo o educador se anima, reportando os resultados alentadores.

"Pusemos em movimento um mecanismo nosso, o MDI, ou seja: de quantas maneiras diferentes e inventivas posso manter essa comunidade unida e operante?" (idem)

As respostas encontradas foram muitas. No Maranhão, por exemplo, realizaram gravações ou podcasts, para fazer circular notícias; criaram-se programas de rádio, Em outros lugares, marcavam-se locais e realizavam-se feiras de troca: para o ponto combinado, alguém levava o que tinha a oferecer e retirava aquilo que lhe fosse necessário. Programaram-se ainda encontros para trocas de informações de tecnologias de baixo custo. Era explicado, por exemplo, como fazer mudas para plantar alho, cebola, hortaliças, ou ainda como fazer coisas as mais diversas de interesse da comunidade.

Em Araçuaí os professores estimularam a montagem de oficinas para as crianças, incitando-as a criarem jogos. Ali chegou-se a encetar um basquete virtual, com adversários virtuais!

Em São Paulo, na comunidade de Vargem Grande, o Banco de Solidariedade do projeto tratou de formular a pergunta que os envolvidos tornaram clássica: *quem tinha competência para fazer o quê*. Encontraram, entre tantos recursos humanos, vinte costureiras; conseguiram material e produziram 25 mil máscaras. A partir daí, a comunidade tratou de organizar-se para pensar e executar a distribuição, seguindo o natural desenrolar de necessidades e consequentes respostas.

Enfim, fica como primeira resposta que os projetos estimulados e orientados pelo CPCD seguem conseguindo, a despeito de quantos obstáculos surjam, manter a fórmula afeto/ tecnologia/ criatividade/ solidariedade que orienta as pedagogias de Tião e seus desdobramentos.

A segunda pergunta adentra o pessoal, mas se reveste de especial interesse para os professores e demais profissionais que defendem a estabilidade e segurança socioeconômica de um emprego público. Como se deu e qual foi o impacto da atitude até então inédita do professor universitário que se demitiu voluntariamente da Universidade Federal de Ouro Preto, onde lecionava e onde percebiam-se dos mais significativos salários entre os acadêmicos da época, os idos de 1979/1980?

É um assunto antigo, mas Tião não hesita. Revela que o pedido de demissão, quando sequer um formulário adequado havia para essa demissão, tão inédita se configurava, culminou um processo de longa reflexão e seguidos desapontamentos. Estes desgostos passaram por assistir o desmonte da Escola de Minas, qua formou geólogos, engenheiros e metalúrgicos, fundada pelo cientista francês Claude-Henry Gorceix, o qual teria dito, olhando a região de Ouro Preto: “Essas montanhas, vales, pedras e relevos serão nossos livros”. Vale pensar, portanto, um entusiasta da práxis, inspiração para Rocha, A Escola foi departamentalizada, enquadrada em moldes universitários norte-americanos academicistas e eminentemente teóricos. O mesmo se deu, lamenta Tião, com a Escola de Farmácia e Bioquímica, onde os estudantes perderam a prerrogativa de exercer um aprendizado prático dos últimos dois anos na famosa botica da região, passando a cumprir todo o período acadêmico em infindáveis sessões teóricas.

O professor que se queria educador entrou em conflito com as ingerências formalistas numa educação que pretendia viva e pulsante, e decidiu partir.

“Tomava a decisão naquela hora ou não tomava mais. Tinha só, como se diz, uma bala na agulha, Não sabia o que iria fazer, mas sabia o que não iria”.(idem)

Foi o primeiro passo, fora da Academia, para construir uma nova história na Educação.

Ainda mais pessoal parece ser a terceira e última pergunta desta entrevista. Tião, ao sair, dissera que partiria em busca de sua tia rainha. Queremos saber

se a achou, se finalmente conseguiu o contato simbólico, após tantas idas e vindas pelo país e além. Ele sorri com aquele seu riso mineiro, relaxa, os olhos brilham mais:

“Ela virou uma força simbólica muito grande, a rainha perpétua do congado. Eu sentava em seu colo, andava de mãos dadas, sob o pálio, ela paramentada com sua roupa, sua coroa, sua umbrela, as guardas do Congo, os moçambiques cantando... era muito verdadeiro, real, não era a carochinha”. (idem)

E prossegue:

“Onde se reconhece o calor daquela realeza? Minha trajetória acadêmica toda sempre foi muito em busca disso, de encontrar onde se reconhecessem essas histórias. Quando saí percebi que podia encontrar outras realezas, outras dinastias, outras histórias e dar-lhes sentido na vida. É quando eu falo que me tornei ‘folclorista por necessidade’. Perceber que a cultura dos meninos e meninas seja coisa valorizada, de cultura popular, de história perene, cidadã, não é coisa folclorizada como alegoria e adereço. Eu não podia fazer isso na Universidade, mas criei uma instituição que é de aprendizado e precisa encontrar outros reis, rainhas, dinastias”. (idem)

Ao encerrar a entrevista, portanto, acordamos, com um leve sentimento de missão cumprida, que Tião Rocha, antropólogo, folclorista e educador reencontrou finalmente sua tia rainha no simbolismo permanente do reconhecimento, respeito e dignificação das muitas riquezas culturais que se abrigam nas histórias de tantos meninos e meninas ao longo e ao largo deste país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda no prólogo para *Educação como prática da liberdade*, o mestre Francisco Weffort testemunha sobre Freire:

“O autor não é um mero espectador na história de seu povo, de modo que as ideias aqui apresentadas trazem, claras e explícitas, as marcas da experiência vivida pelo Brasil nestas últimas décadas”. (Freire, 1983, pág.3)

Cremos que seria razoável valer-nos dessas considerações de Weffort para analisar o próprio Tião Rocha.

Além disso, podemos supor que a atuação dos envolvidos nos projetos do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento, a ação dialógica inspirada em bases freireanas, sob orientação de Tião Rocha e sua equipe de educadores, resta demonstrada, enquanto tentamos, ainda, instigar certa analogia com a compreensão de escola de Gramsci.

Pedimos licença para, poética ou metafisicamente, explicar o encantamento que essa atuação exerce sobre nós e outros entusiastas da educação, valendo-nos do eterno Rubem Alves: “Todo ato de criação é magia”. (Alves, 1994, pág.100)

É ainda o poeta e educador que parece sancionar a criação pedagógica de Rocha:

“(...) O que me leva a enunciar o resumo de minha filosofia da educação, que só me ficou clara quando vi a Mariana brincando com as palavras: o professor é aquele que ensina a criança a fazer flutuar suas bolinhas de vidro dentro das bolhas de sabão: tudo o que é pesado flutua no ar”. (Alves, 1994. pág.79)

Como podemos concluir a partir da observação do elenco de projetos desenvolvidos e pedagogias formuladas, em especial quando se tem presente que esses projetos e essas formulações se plasmam na prática cotidiana e se espriam pelo país e além, o antropólogo, folclorista e educador Sebastião Rocha. o Tião, incorpora plena e entusiasticamente como objetivo de vida o ensinamento de Paulo Freire, qual seja, a compreensão de que todo indivíduo é senhor de saberes essenciais para o próximo, assim como objeto passível de aprendizagem, numa relação dialógica e pedagógica de alteridade e reciprocidade. Por conseguinte, todo indivíduo é socialmente valioso, numa relação inclusiva e horizontalizante.

A filosofia de Freire, conforme tivemos oportunidade de mencionar, animou outras lideranças e educadores a libertar do analfabetismo e da miséria outros povos oprimidos ao longo do grande continente americano (e além), como atesta Santos, ao discorrer sobre a Cruzada de Alfabetização na Nicarágua, que já vimos neste trabalho ter sido inspirada nas teorias do Patrono: “Não foi um ato pedagógico com implicações políticas, mas um ato político com implicações pedagógicas”. (Santos, 1990, pág. 77).

A preocupação com a educação para a qualidade de vida no que concerne a habitação, saúde, alimentação, sustentabilidade, conexão com a terra, valorização da própria história e da própria cultura, a ação autoral, a relação horizontal com o outro, a autoestima e o auto-respeito constituem a um só tempo a expansão do projeto de Freire e a homenagem concreta ao mestre maior da educação brasileira, conforme trazida à prática por Tião Rocha.

Com efeito, as pedagogias de Tião, conforme concebidas e executadas, evocam as palavras do Patrono:

“Era o diálogo que opúnhamos ao antidiálogo, tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e ao mesmo tempo tão antagônico ao clima de transição. O antidiálogo, que implica numa relação vertical de A sobre B, é o oposto de tudo isso. É desamoroso. É acrítico, e não gera criticidade exatamente porque desamoroso. Não é humildade. É desesperançoso. Arrogante. Auto-suficiente. No antidiálogo quebra-se aquela relação de ‘simpatia’ entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. (Freire, 1983, pág 108)

Para concluir, em seguida:

“Precisávamos de uma Pedagogia da Comunicação com que vencêssemos o desamor acrítico do antidiálogo”. (idem)

Nunca foi nossa pretensão, neste trabalho, que se bastasse em si. De resto, não caberia uma tal ambição num espaço de monografia.

Ocorre que, a partir da constatação da eficiência e validade de um processo educativo baseado nos moldes - ou melhor, nos antimoldes - defendidos por Antonio Gramsci, Paulo Freire e Tião Rocha, *cada qual a sua forma e respondendo a suas conjunturas*, sobrevém a pergunta angustiante, suscitada a cada discussão sobre perspectivas de flexibilização das severas estruturas do ensino tradicional: como dirimir o funil que se apresenta quando os alunos oriundos dessas práticas educativas, audaciosas em sua contestação, se deparam com os filtros de entrada para o ensino superior, de vez que essa flexibilização discutida parece ter-se detido na esfera do ensino fundamental?

Existem algumas respostas na esfera das possibilidades. Uma delas é que um sujeito social seguro e valorizado em sua história, seus saberes e fazeres, estará mais apto a fazer face a novos desafios - como seria o de responder a estruturas pedagógicas mais tradicionais - e por conseguinte a ele estranhas - tais como os que necessariamente se encontram a partir do ensino fundamental, nos moldes majoritariamente praticados em nossos dias.

É fato que respostas definitivas a essa pergunta, que inquieta grande número de estudiosos de todas as áreas de conhecimento ligadas à Educação, assim como a pais, responsáveis e mestres, parecem estar ainda a alguma distância e alguma medida no futuro. E a construção do futuro constitui, inquestionavelmente, o principal escopo do fazer educativo. Mas a intenção aqui, afinal, é assentar bases para adentrar inovadoramente esse devir, como o fez e ainda faz Tião Rocha. É nossa intenção prosseguir e ampliar esta pesquisa quando, em alguma medida, estejamos mais livres das amarras da pandemia e do distanciamento social.

Finalmente, é ainda Weffort quem diz, no mesmo prólogo (pág. 37), da importância de gerar conscientização que expulse de cada homem e mulher a sombra que busca manter a ambos sob uma opressão que captura sua integridade. Operar, em múltiplas vias, para romper essas cadeias, como o faz, entre outros, Tião Rocha, através das práticas seu Centro Popular de Cultura e

Desenvolvimento, significa concretamente colaborar na luta pela conquista da democracia, a libertação e a dignificação do ser humano em todos os quadrantes.

Definitivamente, “esperançamos” que o pessimismo da razão que nos deprime será vencido pelo otimismo coletivo da vontade que nos impulsiona.

***Ensinar
é um exercício
de imortalidade.
De alguma forma***

*continuamos a viver
naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo
pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre jamais.*

Rubem Alves

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. A alegria de Viver. 4ª ed. São Paulo, Ars Poética, 1984. 104 págs.

Carta da Terra. Disponível em

<https://antigo.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educacao%C3%A7%C3%A3o-ambiental/documentos-referenciais/item/8071-carta-da-terra.html> Consultado em 6.8.2021 às 21:47h

Carta Encíclica Laudato Si' – Disponível em

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Consultado em 6.8.2021 às 23:59h

CPCD. Portal CPCD. Arasempre – Araçuaí para todos, para sempre.

Disponível em <http://www.cpcd.org.br/arasempre/> Consultado em 24.6.2021 às 19:00h

CPCD. Portal do CPCD. As Pedagogias do CPCD. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd/> Consultado em 28.3.2021 às 15:28h

CPCD. Portal CPCD. Canal Sempre. Disponível em www.youtube.com/canalsempre Consultado em 07.7.2021 às 15:54h

CPCD. Portal CPCD. Casa Saudável. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/casa-saudavel/> Consultado em 22.6.2021, às 22:32h
<http://www.cpcd.org.br/trilhos-desenvolvimento/>

CPCD. Portal CPCD. Cinema Meninos de Araçuaí. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/cinema-meninos-de-aracuai/> Consultado em 7.7.2021 às 14:35h

CPCD. Portal do CPCD. Cooperativa Dedo de Gente. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/portfolio/dedo-de-gente-exemplo-de-desenvolvimento-coletivo/> Consultado em 15.3.2021 – às 17:04h

CPCD. Portal CPCD. Estação Conhecimento. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/estacao-do-conhecimento-arari/> Consultado em 08.8.2021 às 13:50h

CPCD. Portal CPCD. Meninos de Araçuaí. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/meninos-de-aracuai/> Consultado em 21.6.2021, às 15:00h

CPCD. Portal CPCD. Nos Trilhos do Desenvolvimento. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/trilhos-desenvolvimento/> Consultado em 7.7.2021 às 17:06h

CPCD. Portal do CPCD. Parelheiros Saudável: Territórios Abraçados. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/parelheiros-saudavel-territorios-abracados/> Consultado em 08.8.2021 às 18:51h

CPCD. Portal CPCD. Prêmios e Destaques. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/historico/premios-e-destaques-2/> Consultado em 23.6.2021 às 19:30h

CPCD. Portal CPCD. Projeto Araçuaí Sustentável. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/arassussa/> Consultado em 24.6.2021 às 21:02h

CPCD. Portal do CPCD. Projeto Cuidadores em Saúde. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/cuidadores-em-saude/> Consultado em 01.8.2021 às 14:15h

CPCD. Portal do CPCD. Projeto Júpiter. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/projeto-jupiter/> Consultado em 08.8.2021 às 22:13h

CPCD. Portal CPCD. Projeto Ser Criança. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/ser-crianca/> Consultado em 14.8.2021 às 19:32h

CPCD. Portal CPCD. Quem somos. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/> Consultado em 24.6.2021 – 17:12h

CPCD. Portal CPCD. Sítio Maravilha – Instituto de Permacultura do Vale do Jequitinhonha. Disponível em http://www.cpcd.org.br/sitio_maravilha/ Consultado em 30.6.2021 às 21:13h

CPCD. Portal CPCD. Tics e Tacs. Disponível em <http://www.cpcd.org.br/?s=tics+e+tacs> Consultado em 23.6.21 às 20:32h

DELLA SANTA, Betto. Pessimismo da razão, otimismo da vontade: notas para um aforisma pré-gramsciano. Disponível em <https://esquerdaonline.com.br/2015/03/18/pessimismo-da-razao-otimismo-da-vontade-notas-para-um-aforisma-pre-gramsciano/> Consultado em 3.10.2021 às 14:23h

FERRAZZA, Dayane Scopel, e **ANTONELLO,** Claudia Simone. O método história de vida: contribuição para a compreensão do processo de aprendizagem nas organizações. Revista Gestão.Org. v.15, n. 1, 2017. p. 22-36 ISSN 1679-1827

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 14^a.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 150 págs.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17^a.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 184 págs.

ICICT/Fiocruz .Projeto Caminhos do Cuidado. Disponível em https://programadrogas.fiocruz.br/projetos_e_atividades/68 Consultado em 01.8.2021 às 17:32h

INFOESCOLA. Terapia do Luto. Disponível em <https://www.infoescola.com/psicologia/terapia-do-luto/ço>, Consultado em 28.6.2021 às 18:20

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, jul./dez.2011

NOSELLA, Paolo. A escola de Gramsci. (Parte IV: A escola da liberdade industrial) 4^a ed. São Paulo, Cortez, 2010.

NOSELLA, Paolo. Origens da Pedagogia da Alternância no Brasil. Edufes. Vitória. 2014.pg.80 Disponível em [file:///D:/Peteca/Downloads/livro%20edufes%20Origens%20da%20pedagogia%20da%20alternancia%20no%20brasil%20\(12\).pdf](file:///D:/Peteca/Downloads/livro%20edufes%20Origens%20da%20pedagogia%20da%20alternancia%20no%20brasil%20(12).pdf) Consultado em 12.7.2021 às 20:49

ROCHA, Tião. Diálogos com Tião -Entrevista à Universidade Federal de Santa Catarina – em 6.11.2018 – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bxgqE4GuEpA> Consultado em 15.6.2021 às 21:40h

ROCHA, Tião. Educação acontece em todo lugar – entrevista o Língua Afiada – Programa Toda Quinta e Muito Mais – Museu Gerdau - em 6.11.2014 - Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PjQqjz01H-M> Consultado em 16.6.2021 – às 19:00h

ROCHA, Tião. Entrevista ao Portal EBC em 13.05.2015. Disponível em <https://memoria.ebc.com.br/educacao/2015/05/escola-vive- crise-porque-nao-di- aloga-com-seu-tempo-diz-discipulo-de-paulo-freire> Consultado em 12.5.2021 às 21:23h

ROCHA, Tião. Entrevista ao programa Roda-Viva, da TVE, em 2007. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-yGzVK697Rc> Consultado em 10.5.2021 às 22:25h

ROCHA, Tião. Entrevista concedida a Christina Iuppen, para este trabalho, em 28.01.2021. Disponível em <https://youtu.be/S1tEmJsSE8M>

ROCHA, Tião. Entrevista concedida ao Instituto Claro - Portal NET de Educação, em 10.4.2014. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/val-e-tudo-para-ensinar-uma-crianca-e-evitar-a-morte-civica-dela-diz-tiao-rocha/> Consultado em 15.8.2021 – às 20:14h

ROCHA, Tião. Palestra proferida no 8º Seminário Internacional de Bibliotecas Públicas e Comunitárias – Conectando Comunidades – 14.12.2015- - São Paulo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gebReArr9ZM> Consultado em 17.6.2021 às 20:11h

SANTOS, Nilton. E também lhes ensinem a ler. Rio de Janeiro, Ayuri Editorial, 1990. 207 págs.

